

O HOMEM COMO OBJETO DE SI MESMO NO SISTEMA FILOSÓFICO VAZIANO*

The man as an object to himself in Lima Vaz's Philosophical System

Ildevagno Caetano de Santana**

Resumo

Este artigo pretende responder às seguintes questões: a filosofia como sistema morreu com Hegel em 1831 ou passou apenas por um "eclipse" até a chegada do projeto de um sistema filosófico pensado e apresentado por Padre Vaz? A categoria de *intersubjetividade* seria a grande responsável pelo entrelaçamento entre antropologia e ética em seu pensamento? Qual a relação entre Antropologia filosófica, Ética e Metafísica nesse sistema? No âmbito da lógica, o homem atua como termo médio ao levantar uma questão filosófica, tornando-se objeto de si mesmo?

Palavras-chave: Lima Vaz; Homem; Filosofia; Sistema.

Abstract

This article aims to answer the following questions: Philosophy as a system is died with Hegel, in 1831, or it has passed throughout an eclipse until the coming of the project of philosophical system which was thought and presented by Lima Vaz? Intersubjectivity's Category should be the biggest responsible for the interlacement between Philosophical Anthropology and Ethics into Lima Vaz's thought. What the relationship between Philosophical Anthropology, Ethics and Metaphysics in Lima Vaz's system. In the field of Logics, the man acts as a medium term when he asks a philosophical question, becoming an object to himself.

Keywords: Lima Vaz; Man; Philosophy; System.

* Artigo recebido em 05/06/2012 e aprovado para publicação em 05/11/2012.

** Graduado em filosofia pela FAJE, atualmente é graduando em teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA).

Sabe-se que o sistema filosófico de Lima Vaz tem como característica fundamental uma estrutura triádica¹, cujos pilares são: a Antropologia filosófica, a Ética e a Metafísica. O homem, além de racional e livre, é ser-com-os-outros, aberto a três tipos de relação correspondentes às categorias: de *objetividade*, *intersubjetividade* e *transcendência*. Contudo, segundo Rubens Godoy², seu sistema filosófico fundamenta-se, principalmente, na categoria de *transcendência*. Esta perpassa todo o pensamento vaziano como condição de possibilidade para uma crítica radical e uma resposta original ao niilismo ético contemporâneo. Percebe-se, nesse empreendimento grandioso, a marca indelével de grandes pensadores da tradição filosófica ocidental, a saber: Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino e Hegel. A partir destes, ele também dialoga com Heidegger e os "mestres da suspeita": Nietzsche, Freud e Marx.

Essas constatações despertam alguns questionamentos: a filosofia como sistema morreu com Hegel, em 1831, ou passou apenas por um "eclipse" até a chegada do projeto de um sistema filosófico pensado e apresentado por Padre Vaz? A categoria de *intersubjetividade* seria a grande responsável pelo entrelaçamento entre antropologia e ética em seu pensamento? Qual a relação entre Antropologia filosófica, Ética e Metafísica nesse sistema? No âmbito da lógica, o homem atua como termo médio ao levantar uma questão filosófica, tornando-se objeto de si mesmo?

Muitos afirmam a impossibilidade de se construir, no atual contexto, um sistema filosófico aos moldes de Hegel. Afirma-se que, "hoje, agora, só teríamos ruínas, fragmentos de uma razão que outrora se pretendeu una e sistêmica, mas que se revelou, assegura-se, completamente falida"³. No entanto, contra essa corrente, dominante no pensamento contemporâneo que alguns, como Habermas, chamam de pós-metafísico, o Prof. Carlos Lima da UFRGS, argumenta que:

(...) pelo menos alguns princípios universalíssimos são verdadeiros e possuem, assim, validade universal. Em valendo objetivamente pelo menos alguns princípios universalíssimos, Filosofia como sistema, ao menos neste sentido mínimo da validade objetiva de alguns princípios oniabrangentes, pode e deve ser pensada. Existe, em última instância, um sistema objetivo e oniabrangente que, pelo menos nesse sentido minimalista, perpassa todos os subsistemas e os ordena e hierarquiza⁴.

¹ SAMPAIO, Rubens Godoy. Um sistema em resposta ao niilismo ético. *Ihu on-line*, São Leopoldo, ed. 374, p. 14, set. 2011. Entrevista concedida a Márcia Junges.

² Idem, ibidem, p. 16.

³ CIRNE-LIMA, Carlos R. V. *Sobre a contradição pragmática como fundamentação do sistema*. In: Síntese Nova Fase, v. 18, n. 55, 1991, p. 595.

⁴ Idem, ibidem, p. 597.

Percebe-se, como pano de fundo, acirrado debate com o ceticismo e os relativismos do pensar contemporâneo, os quais constroem sua argumentação a partir da seguinte proposição: “*Não há nenhuma proposição universalíssima que seja verdadeira*”. Contudo, essa proposição é em si mesma contraditória, ou seja, há uma contradição performativa. Ela afirma sua própria falsidade. Cai-se, portanto, numa círculo vicioso de autonegação. Não queremos aqui nos enveredar pela *Filosofia da linguagem*, mas mostrar que o sistema filosófico vaziano é aberto. Trata-se de uma “fenomenologia da liberdade”, como afirma Marcelo Fernandes de Aquino⁵, onde se entrelaçam uma *ordem lógica* com uma *ordem ontológica*. Além disso, as relações humanas são marcadas pela dialética entre razão e liberdade.

Em *Escritos de filosofia V: Introdução à ética filosófica 2*, Lima Vaz apresenta de forma magistral as bases fundamentais para a universalidade de uma “vida ética”:

É justamente na práxis ética que a interrelação dialética entre razão e liberdade e a abertura do ato à universalidade do dever-ser, ou em termos éticos, a relação da consciência moral com o Bem definem o invariante fundamental da vida ética que assegura, a um tempo, a permanência e abertura do agir ético e a possibilidade da sua integração na ordem racional de um sistema aberto⁶.

Além disso, o ser humano, ao levantar questões filosóficas e construir um discurso sobre o mundo, a sociedade e sobre si mesmo, percebe-se como ser-com-os-outros-no-mundo, cuja base categorial é o *reconhecimento mútuo*. Trata-se de um aspecto marcado principalmente pela *reciprocidade*. Nessa perspectiva, a busca pelo reconhecimento é universal e interminável. Luta-se contra o não reconhecimento dos outros e, simultaneamente, pelo reconhecimento de si mesmo por parte daqueles.

Portanto, pode-se afirmar que a categoria de *intersubjetividade* é a grande responsável pelo entrelaçamento entre antropologia e ética no discurso filosófico vaziano. Nas palavras de Rubens Godoy:

Se a relação com o mundo dos objetos, da técnica, é marcada pela não reciprocidade, a relação intersubjetiva tem como principal elemento o reconhecimento e a reciprocidade constitutiva desse tipo de relação. Além do mais, é exatamente a partir da categoria de intersubjetividade que Lima Vaz realiza no plano do discurso o entrelaçamento entre antropologia e ética⁷.

Com isso, no entanto, é posta a problemática do “ser-com” *versus* o “ser-entre”, a qual possui uma natureza essencialmente

⁵ AQUINO, Marcelo Fernandes de. Sistema e liberdade: a propósito de *Ontologia e História*. In: *Síntese Nova Fase*, v. 18, n. 55, 1991, p. 499.

⁶ VAZ, H. C. L. *Escritos de filosofia V: Introdução à ética filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 15.

⁷ SAMPAIO, op. cit., p. 15.

antropológica e fundamentalmente ética. O ser humano é, em sua essência, ser-com-os-outros e não apenas “um ser entre outros”. Em outras palavras, ele se afirma existencialmente em sua natureza intersubjetiva. Segundo Padre Vaz, “o Bem é o invariante inteligível que permanece e se manifesta onde quer que um grupo humano, armado com seu ethos, surja para a cena da história em qualquer lugar”⁸.

O caráter sistemático da obra vaziana caracteriza-se por aquela estrutura triádica supracitada. Sua produção filosófica, como um todo, parte das questões mais profundas do ser humano, as quais possuem uma base ético-atropológica, e da incessante busca de sentido, cuja resposta vai se construindo a partir da categoria de *transcendência*. Com este aspecto metafísico, completam-se os três pilares do sistema.

(...) quando Lima Vaz trata do tema da transcendência, ele o faz, apropriando-se do método dialético e apontando em direção de um Absoluto real, ao Ser Infinito que é o puro ato de existir, ao *Ipsum esse subsistens*, tratado na *Antropologia filosófica* como categoria de Transcendência e como Pessoa Infinita, tratado na *Ética* como Bem e Fim, e na *Metafísica* como Ser e Existência, fundamento da metafísica do existir de São Tomás de Aquino⁹.

Nessa perspectiva dialética, o conhecimento humano é autocompreensivo, onde sujeito e objeto se entrecruzam. A existência humana, por sua vez, é autoexpressiva. Suas experiências, situadas no mundo das coisas, são elevadas ao nível de sentido. Nas palavras de Marcelo Fernandes de Aquino, “o homem como sujeito é o momento que medeia a passagem do dado à expressão, da natureza à forma lógica, do mundo da vida ao sentido”¹⁰. Trata-se da *teoria do reconhecimento*.

As práticas sociais situam-se no campo da ação em comum, as quais se caracterizam como capazes de produzir e, conseqüentemente, instaurar vínculos interpessoais. Assim, os agentes se autorrepresentam em suas ações, reconhecendo-se nas identificações produzidas nesse plano comum. Para Vaz:

A pessoa humana é, em seus constitutivos essenciais, subsistência e manifestação. Vale dizer que o ser humano, enquanto pessoa, subsiste em sua absoluta e inviolável *singularidade* e, a partir dessa profundidade ontológica, *manifesta-se* naquela que é a expressão propriamente humana da sua existência, a vida tecida pelos atos que Tomás de Aquino denominou justamente de *actus humani*. Tais são os atos da pessoa e, entre os que exprimem mais radicalmente a sua *singularidade*, os *atos morais*, e a sua seqüência na *vida ética*¹¹.

⁸ VAZ, op. cit., p. 228.

⁹ SAMPAIO, op. cit., p. 16.

¹⁰ AQUINO, op. cit., p. 500.

¹¹ VAZ, op. cit., p. 236.

A trajetória filosófica vaziana, como um todo, foi dedicada à elaboração de um sistema coerente e bem fundamentado. Debateu com o ceticismo e os relativismos do pensar contemporâneo. Outrossim, criticou radicalmente o niilismo ético. Baseada no método dialético de matriz platônico-hegeliana, sua obra é grandiosa, digna de um dos maiores filósofos do século XX. Nesse sentido, o Padre Vaz não fez apenas uma *História da filosofia*, mas filosofou a partir dessa história e deixou seu nome gravado na mesma.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Marcelo Fernandes de. Sistema e liberdade: a propósito de *Ontologia e História*. In: *Síntese Nova Fase*, v. 18, n. 55, 1991, p. 499-504.

CIRNE-LIMA, Carlos R. V. *Sobre a contradição pragmática como fundamentação do sistema*. In: *Síntese Nova Fase*, v. 18, n. 55, 1999, p. 595-616.

SAMPAIO, Rubens Godoy. Um sistema em resposta ao niilismo ético. *IHU on-line*, São Leopoldo, ed. 374, p. 14, set. 2011, p. 14-18. Entrevista concedida a Márcia Junges.

VAZ, H. C. L. *Escritos de filosofia V: Introdução à ética filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2000.